

JORNAL DO ÍNDIO UGHÁ

Ano 1 - número 2.

A malcheirosa aventura na terra do urubu

Como o cineasta branco Gustavo Dahl, tentando ensinar poupança aos índios, estragou uma bela perna de paca.

Depoimento a Marcos Faerman.

Os brancos são superiores aos índios ou os índios são superiores aos brancos. Essa é a nitida impressão que o índio dá: não é muito possível uma relação de igualdade. Pensei nisso quando estava no interior do Maranhão, numa aldeia Urubu, aculturada há muito tempo, para filmar Uirá. Mesmo assim havia muito índio por lá.

Um dia apareceu a mulher do chefe da aldeia, trazendo um menino de quatro anos de idade, com um abcesso na cabeça causado por berne. Berne é uma coisa que a gente está acostumado a ver em bicho. Mas tinha muito, era realmente uma coisa horrível, o fedor.

No primeiro dia não tive coragem nem de chegar perto. De longe joguei água oxigenada em cima e disse "passa amanhã". Ai, no dia seguinte, me lembrei do filme do Rossellini sobre São Francisco, e disse: "Não, vamos com calma, que história é essa?" E tinha um amigo meu que trabalhava no filme, fazia o som, o José Antonio Ventura, que curia um pouco essa também... e nós dois começamos a tratar da ferida. A gente não sabia muito também como... não conhecia as técnicas rurais de tratamento da berne... então fomos na persistência: limpeza, desinfecção... tínhamos um estofo sanitário, desses da Johnson, aliás com um tubinho de iogurte ou de uma pomada dessas. Durante 15 dias ficamos cuidando do menino. Era um problema, porque ele vivia tirando o curativo; quando os vermes, as larvas se sentiam irritadas pela pomada e afioravam no miolo da ferida, a mão ia cutucar com um graveto. Pegava, removia mecanicamente a larva. Então, além de tratar, a gente tinha que convencer o indiozinho a não tirar o curativo e a mãe a não mexer na ferida. Hi! O índio fugia, chorava, e todo dia nós fazíamos isso.

Até que, depois de uns 10 dias, começou a haver uma melhora. Uns 20 dias depois, a ferida tinha fechado e eles não ficaram espantados, pois tinham procurado a gente para isso mesmo. Mas, ao mesmo tempo, aquilo confirmava um instante-zinho de superioridade técnica. Pelo menos aquela técnica curativa era uma técnica que nós brancos manejavamos melhor. É evidente que você sabe que uma ferida não se cura com um graveto.

Por outro lado acontecia o seguinte: na aldeia a comida é propriedade comum. A farinha é trabalhada coletivamente, é distribuída também coletivamente. Quer dizer, ainda que você seja velho, criança, inválido, louco, vagabundo, você passa a cula de farinha e ganha mesmo que você não tenha trabalhado. Ou seja: a coletividade garante um mínimo de sobrevivência material para todos.

Imagina bem, na civilização ocidental, a liberação que não daria, por exemplo, os filhos não dependendo dos pais, as mulheres não dependendo dos homens... a liberação mental.

Além disso, tem a relação com a carne: a carne também é distribuída coletivamente, dentro de um regime de trocas de gentilezas alimentares. Então, se você ontem me deu uma perna de paca, eu te dou um melocachorro, pois sei que amanhã... quebro o seu galho, você quebra o meu. É uma mistura de interesses, gentilezas, é uma coisa realmente galante. Parece que você está na Provence, Gafela. É uma coisa absolutamente medieval.

Acontece que o índio tem outro relacionamento, completamente diferente, com o alimento que ele detém. É com o, digamos assim, acumulação.

Numa aldeia indígena, é claro, não há geladeira. Quando tem comida, eles comem tudo o que tiver. As vezes fazem aquelas festas enormes. Realmente se empapuçavam durante dois dias seguidos. É possível que depois de dois dias tenham de beber, se der, água e farinha. Mas, da mesma maneira que ficam alegres quando têm comida, não ficam tristes quando não têm.

Nós porém tínhamos esse problema de sentir falta de carne, tínhamos problemas com certos hábitos alimentares, de comer feijão com carne, ou, dizendo assim, com um prato com hidratado de carbono, proteínas. Isso são dados já muito fortes da nossa cultura.

Levi Strauss está aí para isso mesmo, para mostrar como se dão muitas bandeirolas nessas coisas. Me lembro de um dia em que nós ganhamos duas pernas de paca e melocachorro. Passara por lá um grande caçador, Uricuti. Ele tinha caçado três pacas. Sei que, por uma dessas contingências, havia muita carne na

aldeia nessa época. Ai nós, contentíssimos, fomos preparar tudo, quando alguém pensou:

"Pô, a gente tá com tanta carne e amanhã não vai ter nada... nós podemos guardar uma carne de paca".

Imagina, pô, uma perna de paca ou um tatu... ontem não tinha nada, então é uma festa.

E, além disso, é o princípio da poupança. Isso passa a acontecer. Então, no dia seguinte filmamos e penduramos a perna de paca bem no alto, para a gente não comer. No outro dia filmamos as nossas coisas.

Quer dizer, o dia foi meio atribulado. No terceiro dia, quando amanheceu, eu não piquei a tal carne de paca porque o assado (alho, por exemplo, como hoje é diferente), os índios quando pegavam a carne, cortavam em pedaços de bife e assavam rápido, tostavam ao fogo e comiam. Nós botávamos o pernil inteiro e ficávamos rodando ele três horas pro assado ficar mais saboroso. Tínhamos um rapaz que era assistente e cenógrafo, que é um amigo meu italiano, um grande cozinheiro.

Ele aprendeu a assar no Veneto. E, de repente, quando ele se encostou diante daquela posta maravilhosa de uma perna de paca, você imagina que aconteceu... e nós entramos numa de assados.

Acontece que, na manhã seguinte, de repente, vi um índio passando pelo nosso tousoiro, pela nossa perna de paca, olhando e fazendo um sinal no nariz com o dedo. Ai eu disse: "Pô, mas que esse índio safado quer aquilo?" Ai eu perguntei:

"Que que há?" O índio: "Iá bom não". Eu respondo: "como é que não tá bom, rapaz, você está é com inveja". "Não, não, não, assim caboclo não gosta não". De repente alguém ficou com medo — "pô, mas será que realmente estragou a nossa perna de paca?" Então nós fomos lá e quando pegamos a perna de paca, vimos que estava estragada, que estava fedendo. Daí fiquei com aquela perna de paca estragada na mão, porque não tinha o que guardar no dia seguinte. Fiquei com medo da fome no dia seguinte... Então guardei a perna de paca, que nesse momento não dava mais pra comer. Ai peguei e tive de ter a coragem de me desfazer da perna de paca, que em aldeia do índio serve de comida durante um dia para duas pessoas.

É uma Larra um pouco mais pesada do que na cidade. Você vê realmente a estupidéz de jogar fora uma perna de paca, num lugar que poderia servir de alimento a duas famílias, porque você quis guardar, ficou com medo de não ter comida no dia seguinte. Eu tive então uma sensação muito estranha. Saquei o bode da civilização ocidental: o medo da morte.

Realmente, sem ele... a morte faz parte da vida. Tem comida a gente come, fica alegre, né? Não há essa tal de propriedade privada, a acumulação. De repente você tem uns lanças um pouco profetas na medida de tempo, porque esse

negócio de alimentação comunitária, que eu sabia, é uma transa de 20 mil anos atrás. Essa moçada segurou economicamente este nível de organização social durante alguns 19 mil e não sei quantos anos.

Agora, realmente, eu digo: o espaço da civilização branca é muito grande e há falta de recursos. Num lugar onde tem caça você introduz a espingarda e muda o equilíbrio ecológico. Você não tem mais capacidade de sobreviver com arco e flecha, você passa a ter necessidade da espingarda...

Aqui, Tupi

A maioria do povo brasileiro pensa que todos os índios são iguais e falam a mesma língua. É um erro tão grosseiro quanto comparar um latino a um anglo-saxão e achar que o francês e o russo "são iguais". Outro erro é pensar que todos falam o "tupi-guarani", combinação que, a rigor, não existe; tupi é uma língua e guarani outra: apesar de parecidas, distanciam-se como o português do espanhol. Hoje, os especialistas que estudam as línguas indígenas estabelecem quatro grandes troncos: Tupi, Jê, Caribe e Aruak. Sendo todas elas línguas orais (ou alguém pensa que indio sabe escrever?), é o Tupi o de maior tradição escrita, que começou com os missionários (Anchieta, Nóbrega) elaborando gramáticas para melhor ensinar o português aos índios e assim catequizá-los, isto é, abrir caminho ao colonizador.

Como de costume, não é uma organização brasileira que estuda os troncos linguísticos e dialetos falados por nossos índios, mas sim uma norte-americana, o Summer Institute of Linguistic, que, apesar das origens, faz um bom trabalho de documentação e reconstrução de línguas que já desapareceram. Centenas delas foram sepultadas com os últimos remanescentes das tribos, outras substituídas pelo português. Esse risco o tupi não corre. Mas, quem sabe falar tupi? O Brasil civilizado, talvez cinco pessoas que são consideradas excêntricas; ninguém se importa em falar português, uma língua europeia que nada tem a ver com a gente, assim como ninguém se preocupa em balbuciar algumas palavras do idioma que era falado na costa brasileira, do Rio até o Maranhão, e hoje está desaparecendo junto com os índios desse tronco. Decidimos, por isso, publicar um curso da língua tupi, elaborado pelo padre Lemos Barbosa, e satisfazer o desejo do major Polcarpo Quaresma, o personagem de Lima Barreto que sonhava vê-lo adotado como língua oficial.

LIÇÃO 1

As Consoantes

Nosso alfabeto será o seguinte — a, h (d), e, (g), b, l, i, k, m, n, nh, o, p, r, s, t, u, x, y, z. O s soa como o nosso s e não como z. O r é sempre brando, mesmo no início da palavra. Ex. roy =

frio. O x é pronunciado como xadrez. O h é aspirado e só aparece em três ou quatro palavras. O g não é pronunciado com som de j, mesmo antes de e, i ou y. O m e o n nasalizam as vogais vizinhas, mas devem ser articulados claramente, embora no fim da palavra. Ex.: a-sem, Py-seem.

GRUPOS CONSONANTAIS

Além do nh, só há mb, nd, ng. No princípio da palavra, não se fazem acompanhar de vogais. Ex. nd' o-ú-i (não o comem); mbaé (coisa).

O d no princípio da palavra é sempre precedido de n, mas pode-se pronunciar só o u, sem o d. Ex.: de ou nde (pronuncia-se nde ou nde, nunca de) — tu. Também o g comporta o n; Ex.: gatu (pronuncia-se ngatu) — bom, bem.

VOGAIS

Y tem som peculiar, obtido ao se abrir os lábios como para pronunciar i, mas tentando pronunciar u. As demais vogais têm som padrão e não se dilatam e e e fechados de abertos. Além disso, todas as vogais podem ser nasais: â, ê, í, ô, ù, ý.

SEMIVOGAIS

Há três: i, ú, ý. Foneticamente, assemelham-se e correspondem às vogais i, u e y, mas formam ditongo com a vogal que antecede ou que se segue. Ex.: ai, êi, ai, êi, ï (pron. ai, eu iu, ai, êi, ï).

DITONGOS

Crescentes: a vogal vem antes da semivogal. Oraís: ai, eim, oi, úi, ýi, ai, eü, iü, ou, úü, m ýü. Nasais: mã, ai, ãi, êi, oi, úi, ýi, aü, eü, iü, m, ou, úü, ýü.

Obs. Muitas vezes esses ditongos são compostos de dois elementos semanticamente distintos — e por isso se escrevem separados por hífen (ú-u, e-u), mas pronunciam-se numa só emissão de voz.

Descrevemos a vogal vem depois da semivogal. Oraís: ia, íe, ío, úe, úi, etc. Nasais: ãa, ãe, ãu, etc.

HIATO

Quando se encontram duas vogais, dá entre as duas um hiato. Devem ser separadas na pronúncia. Exemplos contrapostos:

Português	Tupi
Faraó	aoba (a — o)ba
caí	paí (Pa — i)
Macacé	mbaé (m — ba)é

Os hiatos se distinguem, na escrita, dos ditongos e tritongos, porque estes incluem sempre uma semivogal é, ú, ou ý.

Exercício:

a-é = digo
a-i = diz
akang-üera = caveira
potiá = peito
moema = mentira
apýaba = macho
mo-pü-ara = o que toca
gü-ara = o que come
ikó aib = viver mal
s-upiá = ovo
karaiba = homem branco
uf = farinha
(Lembre-se; o hífen não deve ser considerado na pronúncia).

Nos próximos números: Acento, Metaplasmos. Substantivos. Gêneros e Números. Compre o Pequeno Vocabulário Tupi-Português para, brevemente, poder traduzir os textos que publicaremos.

EX - Nº 09
1975 / SP